



LITERATURA E UTOPIA NA VISÃO DE PRIVADAS DE LIBERDADE: UMA ABORDAGEM ETNOGRÁFICA NO CONTEXTO PRISIONAL

Autor (1) Arthur Manoel Andrade Barbosa; Co-autor (1) Itamara Weskla Brito Barbosa; Co-autor (2) Prof. Dr. Paula Castro Almeida
Universidade Estadual da Paraíba

RESUMO: Este artigo busca mostrar o estudo de obras literárias dentro do universo penitenciário, direcionando a discussão de livros que enfocam em alguns mitos e utopias que marcaram o imaginário de sociedades que geraram tais pensamentos utópicos. Através das aulas de História do cursinho Pró-Enem, oferecido pela Universidade Estadual da Paraíba no Campus Avançado do Presídio do Serrotão e do método etnográfico de pesquisa, foi possível discutir e perceber as perspectivas das “reeducandas” acerca do que elas esperam do futuro e da importante contribuição da educação nesses anseios. Com o estudo e a discussão da obra *O país da cocanha* e do cordel *O país de São Saruê*, foi possível ouvir utopias pensadas por elas, além de objetivos pessoais que não estão no campo da utopia, mas da realidade. Dessa forma, conseguimos perceber alguns dos anseios políticos, econômicos e sociais que permeiam o pensamento delas e que são possíveis através de políticas públicas voltadas para a educação.

Palavras-Chave: Obras literárias, Educação prisional, Etnografia.

INTRODUÇÃO: A força de uma utopia

O diálogo presente entre a História e a Literatura sempre produz novas nuances e uma infinidade de possibilidades, fazendo desse entrecruzamento um frutífero campo de conhecimento, além de possibilitar inúmeras abordagens que estão no campo do imaginário literário.

Nesse contexto de diálogos e de conhecimento de outras culturas que se tornou possível mostrar nas aulas de História do Campus Avançado do Presídio do Serrotão, além de algumas utopias – medievais ou outra incluída no contexto de discursos acerca do Nordeste - que fomentaram o imaginário social de determinado povo e a partir do conhecimento de determinadas utopias conhecer também os anseios e as buscas das alunas que se encontram



em situação de privação de liberdade.

O país da cocanha e o País de São Saruê são lugares imaginados, lugares nunca alcançados, mas que permeiam o imaginário popular, de pessoas que buscam nesses lugares uma fuga para os problemas sociais existentes, para as dificuldades pessoais, familiares e da comunidade em geral e que de alguma maneira procuram ‘encontrar’ esse lugar de esperança, de refúgio, de prazer, enfim, buscam esse “não-lugar”.

Toda sociedade tem suas utopias e assim as alunas do Campus Avançado expuseram as suas, e assim foi possível ouvir assuntos relacionados a política, religião, família, e ainda outras buscas, de caráter mais emergencial, como a atual situação de liberdade vivida por elas, haja vista que um dos maiores enfoques das utopias analisadas era a plena liberdade dos indivíduos.

Através da análise etnográfica de pesquisa foi possível observar as “reeducandas” nas suas angústias, anseios e nas perspectivas acerca do futuro, que envolveram principalmente os filhos, os companheiros e a retomada pessoal no âmbito educacional e profissional.

A educação e suas mais diferentes formas de alcançar êxito possibilitam inúmeras maneiras de incentivar o aluno a pensar e a produzir saberes, contribuindo de forma decisiva na construção do conhecimento e dando oportunidades a quem não teve em outros momentos, possibilitando aos indivíduos alcançados a chance de libertarem-se enquanto possuidores do direito institucional à educação, inclusive dentro de penitenciárias, por meio da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, através do segmento que em 2009 com a aprovação das Diretrizes Nacionais para a Oferta da Educação em Estabelecimentos Penais.

Dessa forma a educação foi um meio fundamental para que alunas que se encontram em regime fechado pudessem desenvolver saberes literários, históricos e tantos outros, analisando utopias de outras sociedades e assim saberem que também são indivíduos e dessa forma estão propensas a imaginar, a pensar e a sonhar com outras possibilidades de futuro, de



vida e de sonhos.

METODOLOGIA: Do surgimento à concretização específica em uma pesquisa

Sendo a Antropologia uma ciência que surgiu com o objetivo de estudar e pesquisar o desenvolvimento histórico, cultural, social, organizacional e comportamental, até então desconhecidos, de uma civilização e conseqüentemente, da humanidade de maneira geral, ganhou forças ao longo do tempo se ramificando e desenvolvendo áreas específicas e afins dentro da mesma.

Dentro da Antropologia, surgiu a Antropologia Cultural. Divisão que se dedica a buscar vestígios da evolução do homem como um todo: história, costumes, linguagem, além do desenvolvimento do conhecimento psicossomático e a influência no meio em que vive. Ainda dentro da Antropologia Cultural, com o objetivo de alcançar o diálogo dentro da ciência social que “justificava” até o conhecimento de “novas terras” proporcionado pelo colonialismo, que estava no auge na época, e a possibilidade de contatos com sociedades totalmente diferentes, emerge um ramo da Antropologia Cultural, a Etnologia, termo que consiste no estudo sistemático ou científico sobre o outro (MATTOS, 2011).

A Etnologia, por sua vez, dá suporte para emergir outro método de análise e estudo do sujeito, sendo este a Etnografia, que consiste em utilizar, de maneira sistemática, registros que possibilitem a descrição da cultura de um determinado povo (ou indivíduo).

Uma análise etnográfica do sujeito permite que este seja analisado através do comportamento que ele emite e que será minuciosamente estudado, sendo assim possível compreender as causas, as conseqüências e as variações que este causará sobre determinado meio social.

O estudo etnográfico requer uma sensibilidade para que sejam percebidas as mais



variadas modificações ocorridas dentro de um determinado meio, seja por um indivíduo ou por um grupo como um todo, dentro da perspectiva destes. E mais que isso, trata-se de adotar uma forma metodológica de distanciar-se das regras, da visão de mundo e das atitudes legitimadas pela sociedade e suas instituições, tirando-as da opacidade em que a cultura as coloca (MATTOS, 2011).

A experiência foi embasada em uma pesquisa etnográfica realizada na Penitenciária Feminina de Campina Grande, enquadrada dentro do complexo da Penitenciária Regional de Campina Grande Raimundo Asfora - denominado “Presídio do Serrotão”. Com relação a utilização desse tempo, Foucault afirma: “A educação do detento é, por parte do poder público, ao mesmo tempo uma precaução indispensável no interesse da sociedade e uma obrigação para com o detento” (1987).

Mesmo sendo o contexto minuciosamente analisado, o grupo de interesse na etnografia são, pessoas diferentes, passíveis de serem desprezadas em outras abordagens. (MATTOS, 2011). Além disso, utilizando-se da proposta etnográfica de pesquisa, com observação participante, foi possível analisar o processo de escolarização individual dessas alunas e suas problemáticas fundamentais no processo de tornar-se aluno (CASTRO, 2011), além de ser fator importante na estrutura de educação prisional.

RESULTADOS E DISCUSSÕES: Reconhecendo os lugares de utopias

Torna-se notável que a pesquisa antropológica, de maneira geral, permite ao pesquisador desenvolver uma prática metodológica capaz de exercer e propor mudanças nas concepções pré-estabelecidas dos grupos de indivíduos que, até então, não se encaixava nos paradigmas pressupostos pela sociedade.

A investigação etnográfica permite perceber os detalhes e as peculiaridades existentes



na interação das “reeducandas”. Consiste em observação intensa e descrição, em sua ambientação original, das interações cotidianas daqueles sujeitos, considerando suas subjetividades (sujeitos e pesquisador). De modo que a observação constitui o principal instrumento no processo de compreensão do objeto estudado.

Ao estudar as obras literárias e analisar quais as intenções de quem a escreveu e o contexto histórico do momento em que foi escrito, observamos que *O país da cocanha* foi disseminado no período medieval, primeiramente de forma oral para depois ser escrito em forma de fábula. Já *O país de São Saruê* é um cordel escrito no século XX por um paraibano que reuniu num folheto algumas das ambições de um determinado povo, destacando-se aspectos relacionados a fome, ao descanso, a velhice e outras questões que envolvem a negação com relação a alguns fatores cristalizados no seio da sociedade.

Dessa forma percebemos através das discussões das alunas que toda sociedade tem seus lugares de fuga, pelo menos no âmbito da imaginação, com relação aos problemas sociais, e assim cada “reeducanda” foi nomeando uma utopia pessoal, ou seja, cada aluna foi dizendo o que queriam que fosse possível de se realizar, tanto na sociedade em geral quanto no contexto próprio delas, o contexto específico de quem está privado de liberdade.

Elas são mães, filhas, esposas, e cada uma das denominações necessitam de um olhar específico. Cada uma dessas ‘funções’ fica quase que inoperante pela distância física existente, e dessa maneira as relações, já fragilizadas, tornam-se mais leves no campo da imaginação, da idealização de mudanças previstas para o melhor aproveitamento do tempo perdido, e talvez o regate de memórias não realizadas.

Assim, ouvimos anseios que variavam desde à volta ao campo profissional, já que existe sempre a desconfiança se realmente irão conseguir trabalhar em uma fábrica, em uma indústria, ou em qualquer outro trabalho justamente por se tratar de pessoas que tiveram



problemas judiciais. Também se destacou a discussão em torno dos problemas familiares, principalmente o distanciamento dos filhos que na maioria das vezes são crianças e adolescentes. Assim numa forma utópica de explicar tal tristeza as alunas imaginaram um lugar sem a necessidade de perder o contato com os familiares, um lugar que não se sentissem culpadas pela tristeza de estarem distantes dos filhos, além de imaginarem um futuro bastante diferente com relação ao relacionamento com a família de forma geral.

CONCLUSÃO

O comprometimento dos indivíduos que movem a educação tem justamente a finalidade de proporcionar novas abordagens, novas possibilidades de levar o conhecimento ao aluno e ainda poder destacar aspectos humanísticos como a alteridade e assim conceder um dia melhor, um esperança maior e conseqüentemente a perspectiva de um futuro melhor.

Nas utopias que mostravam as necessidades de determinadas sociedades, sejam elas necessidades financeiras, seja a necessidade de poderem viver mais tempo, seja a busca pela ociosidade como contraponto ao modelo econômico capitalista, compreendeu-se que as sociedades são dependentes e estão sempre insatisfeitas com a atual realidade e assim almejam diferentes situações.

As alunas mostraram seus anseios, reconheceram algumas necessidades de mudança, expressaram suas angústias e seus ideais dentro e principalmente fora do ambiente penitenciário, confabulando através do mundo da utopia sua própria realidade.

Tudo lá é festa e harmonia amor, paz, benquerer, felicidade descanso, sossego e amizade prazer, tranquilidade e alegria; na véspera de eu sair naquele dia um discurso poético, lá eu fiz, me deram a mandado de um juiz um anel de brilhante e de “rubim” no qual um leteiro diz assim: - é feliz quem visita este país.

Esse é o trecho final de *O país de São Saruê* e dá pra perceber as inúmeras benesses desse lugar, a quantidade exagerada de coisas boas que existe nesse país, e a partir de tal



descrição torna-se possível contrapor a realidade das alunas, as agruras passadas e ânsia de poder transformar essas utopias em realizações.

REFERÊNCIAS

- FRANCO JÚNIOR, H. **Cocanha, a História de um País Imaginário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SANTOS, Manuel Camilo dos. Viagem a “São Saruê”. Campina Grande, 1956. In: **Literatura Popular em Verso**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1964.
- BRASIL. **Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária** (Cnpcp). Resolução nº 3, de 11 de março de 2009. Dispõe sobre as Diretrizes Nacionais para a Oferta de Educação nos Estabelecimentos penais. Diário Oficial da União, Brasília, Seção 1, p. 22, 25 mar. 2009. Disponível em <http://www.redlece.org/IMG/pdf/https___www.in.gov_1.pdf>.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Vozes, 1987.